



O Brasil de volta ao mundo

Síntese: O comércio exterior brasileiro obteve, em 2017, o maior superávit da sua história. O país começa a recuperar o terreno perdido no mercado internacional durante a recessão. Uma análise retrospectiva de longo prazo mostra que o perfil de exportações e importações mudou bastante ao longo deste século, a partir da entrada da China na OMC e dos resultados obtidos pelas políticas econômicas internas. No entanto, nossas vendas, ao invés de diversificar-se, concentraram-se ainda mais em produtos básicos. O Brasil passou a depender enormemente do mercado chinês e viu a importância de parceiros comerciais tradicionais decair. Perdemos ainda mais relevância no comércio global.

2017 marcou o fim de três anos de recessão, a mais prolongada e profunda vivida pela economia brasileira desde, pelo menos, a década de 1980. Entre os fatores que ajudaram a atividade produtiva a sair do buraco está o desempenho do nosso setor externo. A alta das exportações e a manutenção da atração de investimentos diretos no país colaboraram para içar o PIB nacional e recolocar o Brasil de volta ao mundo.

O resultado das transações correntes foi o melhor dos últimos dez anos. O déficit ficou em 0,48% do PIB, equivalente a US\$ 9,8 bilhões. Trata-se de recuperação bastante expressiva: em 2014, o rombo chegara a 4,2% do PIB ou US\$ 104 bilhões, na pior marca histórica em valores absolutos. Em 2016, o setor externo havia registrado déficit de 1,3% do PIB, o que correspondeu a saldo negativo de US\$ 23,5 bilhões.

Mas o que está por trás destes números? A chamada balança de pagamentos acompanha as transações feitas pelo país com o resto do mundo. É uma espécie de conta corrente que registra créditos e débitos do Brasil com seus parceiros internacionais. Inclui a balança comercial, ou seja, exportações e importações; a conta de serviços, como viagens internacionais e aluguel de equipamentos; remessas de lucros e dividendos; e despesas com pagamento de juros ao exterior. Mas, em 2017, a principal vedete do nosso setor externo foi mesmo o comércio internacional.

Recorde histórico

A balança comercial do país registrou superávit de US\$ 67 bilhões no ano passado. Foi o melhor resultado da história, com expansão de 40% num único ano. O saldo foi obtido em razão de aumento expressivo das nossas exportações, com alta de 17,5% sobre 2016, acompanhado de elevação bem mais modesta (9,6%) das importações. As vendas ao exterior vinham de cinco anos consecutivos de queda, tendência ora revertida, embora o volume embarcado pelo país no ano passado ainda encontre-se 15% abaixo da máxima histórica, registrada em 2011.

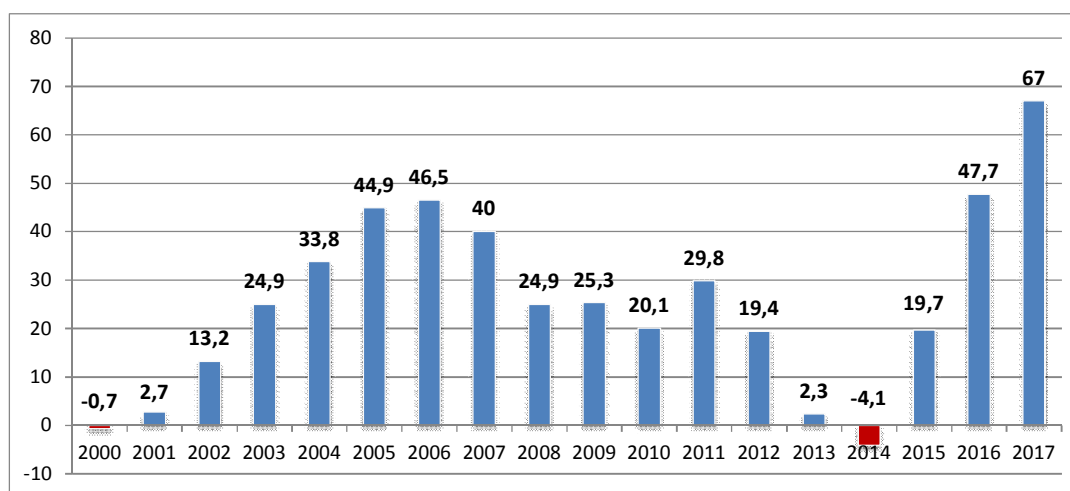
Segundo a Funcex (Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior), o bom desempenho das exportações brasileiras em 2017 deveu-se à alta das vendas de commodities, em especial soja, milho e petróleo. Depois de um mergulho nos cinco anos anteriores, quando chegaram a cair mais de 35%, os produtos básicos se reaproximaram do nível em que estavam em 2014. Cresceram tanto em volume quanto em preço.

Uma das características mais marcantes das exportações nacionais em 2017 foi a recuperação das vendas de automóveis, com alta de aproximadamente 43% no ano. Neste caso, a expansão dos embarques ficou concentrada na Argentina, que voltou a ser o principal importador de produtos manufaturados brasileiros. O país vizinho respondeu pela compra de 72% de tudo o que as montadoras instaladas no Brasil exportaram no ano passado. Em termos gerais, entre as principais classes e categorias de produtos exportados, apenas os bens de capital não tiveram bom desempenho em 2017, com queda de 7% no ano.

Mudanças estruturais

A ocasião abre oportunidade para ampla avaliação do desempenho recente do comércio exterior brasileiro, a partir do comportamento e da evolução verificados na nossa balança desde o início deste século. Os resultados são diretamente influenciados pelo ingresso da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2002, pela explosão das cotações das commodities e pelo expressivo aquecimento da economia global ao longo da década passada, bem como pela recessão que caracterizou os anos recentes no Brasil. Tais componentes produziram transformações profundas no perfil de exportações e importações brasileiras, com impactos relevantes nos resultados alcançados pela economia local ao longo do período.

Saldo comercial brasileiro (em US\$ bilhões)



Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secex/Deaex

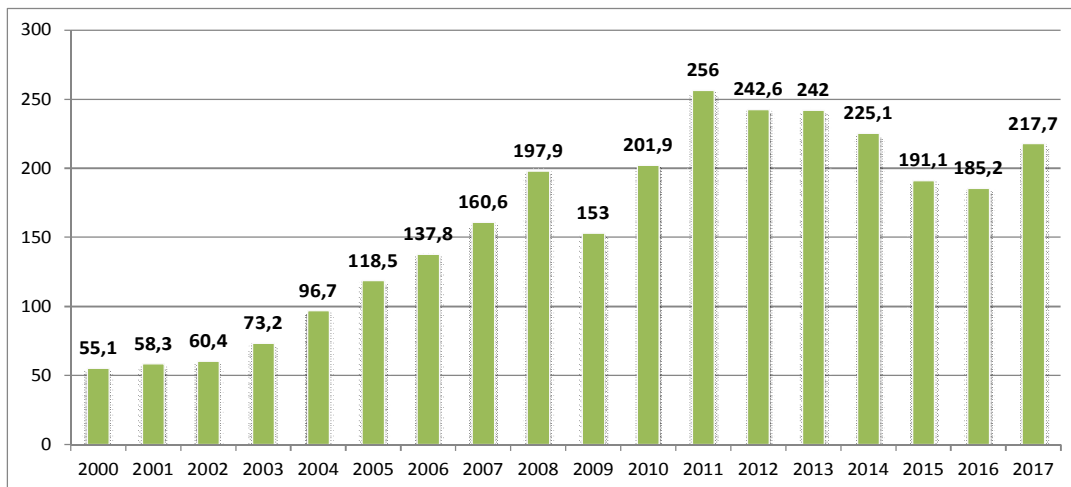
Em termos gerais, o Brasil vende hoje muito mais do que vendia para o exterior, e compra também muito mais. Sua pauta exportadora, contudo, ao invés de diversificar-se, concentrou-se ainda mais em matérias-primas, os chamados produtos básicos, e em commodities. Em termos de origem e destino, o país passou a depender enormemente da China e viu a importância de parceiros comerciais tradicionais decair em igual medida – em 2017, os valores exportados para EUA e União Europeia foram inferiores aos de 2008. A relevância brasileira no comércio global também diminuiu, e muito.

Nas exportações, é fácil observar dois movimentos. A partir de 2003, as vendas do país ao exterior crescem continuamente até 2011, com uma única quebra, registrada na crise de 2009. Desde então vieram diminuindo ano a ano, até finalmente encontrar a primeira recuperação em 2017. Neste período, os embarques passaram de US\$ 60 bilhões em 2002 para US\$ 256 bilhões em 2011, na máxima histórica, e a US\$ 218 bilhões no ano passado.

No intervalo mais recente, entre 2010 e 2016, o desempenho das exportações brasileiras perdeu todo seu brilho. Neste ínterim, enquanto as vendas do país ao exterior caíram 8,2%, o volume embarcado em todo o mundo aumentou 26%, segundo a OMC. É mais uma evidência de que a recessão brasileira não teve

nada a ver com o que aconteceu no resto do planeta, como o PT costuma apregoar. Com isso, a participação brasileira no total das exportações globais desceu a seu menor patamar em uma década (1,21%).

Exportações brasileiras (em US\$ bilhões)

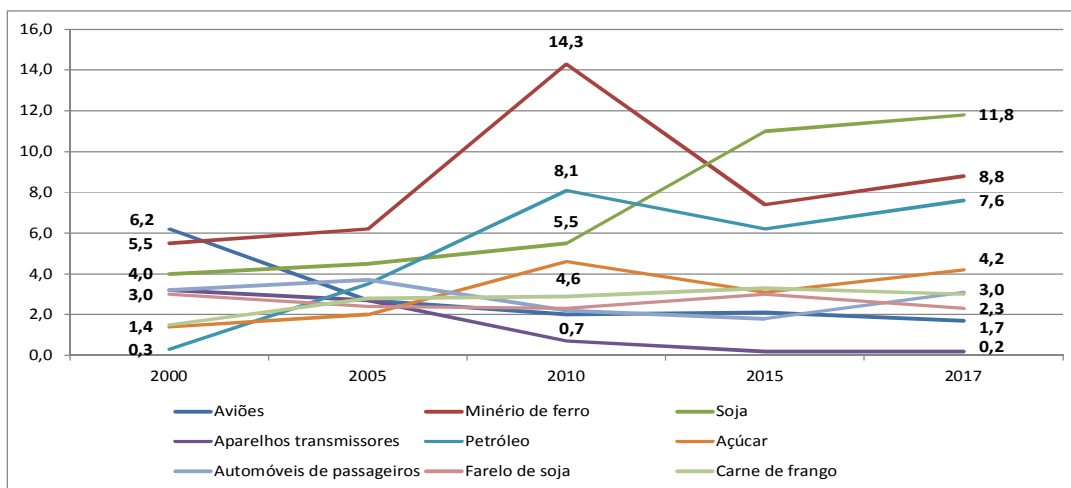


Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secex/Deaex

Menor valor agregado, maior concentração

Outro aspecto a se observar é o da composição das exportações nacionais. Com o passar dos anos, houve perda de densidade e de conteúdo tecnológico. No início do século, a lista dos principais itens vendidos pelas empresas brasileiras ao exterior era liderada por aviões, que respondiam por 6,2% do total. Seguiam-se minérios de ferro e seus concentrados (5,5%), soja (4%), automóveis (3%) e aparelhos transmissores ou receptores e componentes, então muito em voga em razão da onda de investimentos que se seguiu à privatização da telefonia no país.

Principais produtos brasileiros exportados (em % do total)



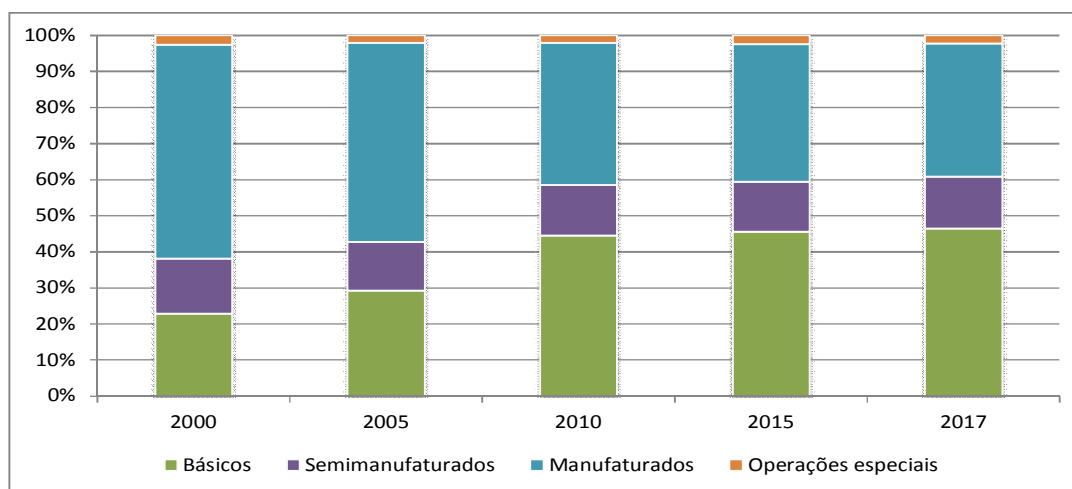
Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secex/Deaex

Passados 17 anos, o ranking das exportações brasileiras passou a ser liderado pela soja, numa proporção quase três vezes maior daquela que o grão (e suas variedades trituradas, na nomenclatura técnica) ocupava na pauta nacional em 2000. O valor exportado da commodity multiplicou-se por 12 e a soja passou a responder por 11,8% dos embarques nacionais para o exterior no ano passado. Em seguida, aparecem na lista, nesta ordem: minérios de ferro (8,8% do total), petróleo (7,6%) e cana de açúcar (4,2%).

O estouro dos embarques de soja acentuou-se nos três últimos anos, concomitante com as safras recordes de grãos que o país colheu. Mas em 2010 outro produto primário assumira a liderança do ranking de exportações brasileiras: naquele ano, minérios de ferros responderam por 14,3% das vendas do país ao exterior. Foram seguidos de petróleo, com 8%, enquanto a commodity agrícola ficou com apenas 5,5% do total e o açúcar com 4,6%.

Nota-se, portanto, um progressivo processo de maior concentração da pauta nacional em itens de menor valor agregado. Aviões ocupam atualmente apenas a 14ª posição, com praticamente o mesmo valor exportado no ano 2000 (US\$ 3,6 bilhões) e participação relativa bem menos expressiva (1,7% do total). Depois da recuperação verificada em 2017, automóveis de passageiros retomaram seu peso proporcional, em torno de 3% dos embarques. Já os itens de telefonia praticamente desapareceram da lista de exportações do Brasil.

Exportações brasileiras por fator agregado (em %)



Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secex/Deaex

Em termos gerais, os produtos básicos somam hoje mais de 46% das exportações feitas pelo país, exatamente o dobro do início do século e em patamar estável na comparação com 2010. Eles roubaram espaço que era dos manufaturados, setor que, com a crise da indústria nacional, responde por fatia cada vez menor do PIB local: tinham 59% da pauta exportadora em 2000 e têm agora 37%. A participação dos semimanufaturados manteve-se ao longo do período ao redor de 15%.

O peso da China

Não foi apenas na composição que a pauta exportadora brasileira modificou-se e, em muitos aspectos, empalideceu. O rol de países para onde são destinados nossos produtos sofreu brutal transformação ao longo dos últimos anos. A China tornou-se a maior compradora dos produtos made in Brazil e agora recebe quase 22% de tudo que é despachado de portos e aeroportos nacionais. Foram mais de US\$ 47 bilhões em 2017. Deste valor, 86% são produtos básicos, percentual que vem crescendo e no ano passado atingiu sua maior marca até agora.

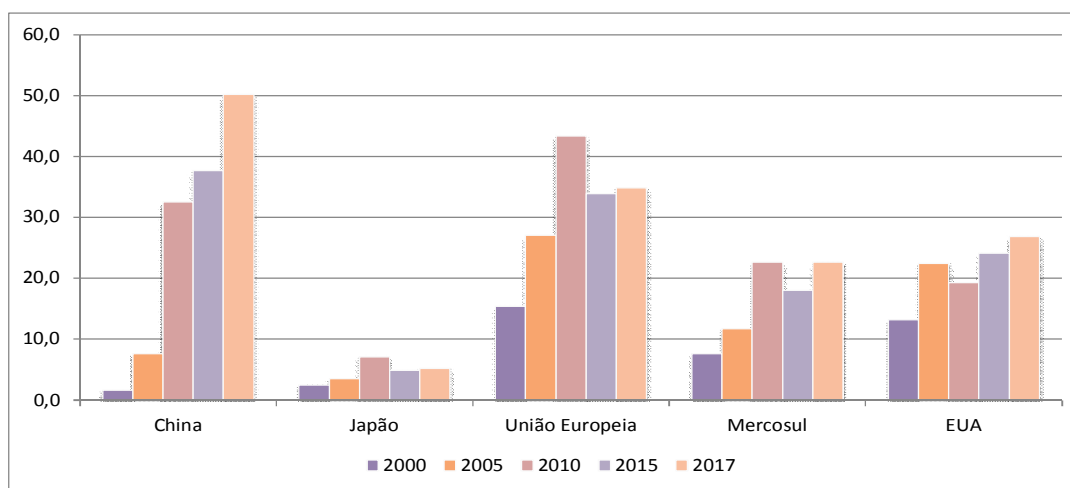
Os chineses ocupam hoje o espaço que antes foi dos Estados Unidos. Em 2000, o mercado americano absorvia 24% das vendas externas brasileiras, enquanto para a China seguiam 2%. Foi a partir da crise global de 2009 que a reorientação se consolidou. Em 2017, 12,3% das exportações do Brasil tiveram os EUA como destino, depois de descerem a menos de 10% em 2010. Em seguida, entre os principais países compradores aparece a Argentina, com 8% do total – eram 11,3% no início do século e 9,2% em 2010.

Entre os principais blocos, desde 2000 a União Europeia passou de 28% para 16% do total exportado pelo Brasil e o Mercosul, de 14% para 10,4%. Os índices atuais assemelham-se ao que já era observado em 2010. No caso dos europeus, com quem a nossa diplomacia, junto com os parceiros do Cone Sul, negocia há 20 anos um acordo de livre comércio, as compras feitas junto aos fornecedores brasileiros decaíram 34% desde 2011 – em compensação, a pauta exportadora para o Velho Continente mantém metade de sua composição em manufaturados (34% do total) e semimanufaturados (17%).

Economia fechada

Mesmo com o maior dinamismo que nosso comércio exterior conquistou ao longo deste século, o Brasil continua sendo uma economia bastante fechada. De acordo com o Banco Mundial, mantemo-nos como apenas o 25º maior exportador global, atrás de países bem menos relevantes economicamente como a Polônia e a Suíça. As exportações brasileiras correspondem a 12,5% do PIB local, uma das menores proporções entre todas as economias do mundo – a média global é de 28%.

Exportações brasileiras por blocos e países (em US\$ bilhões)



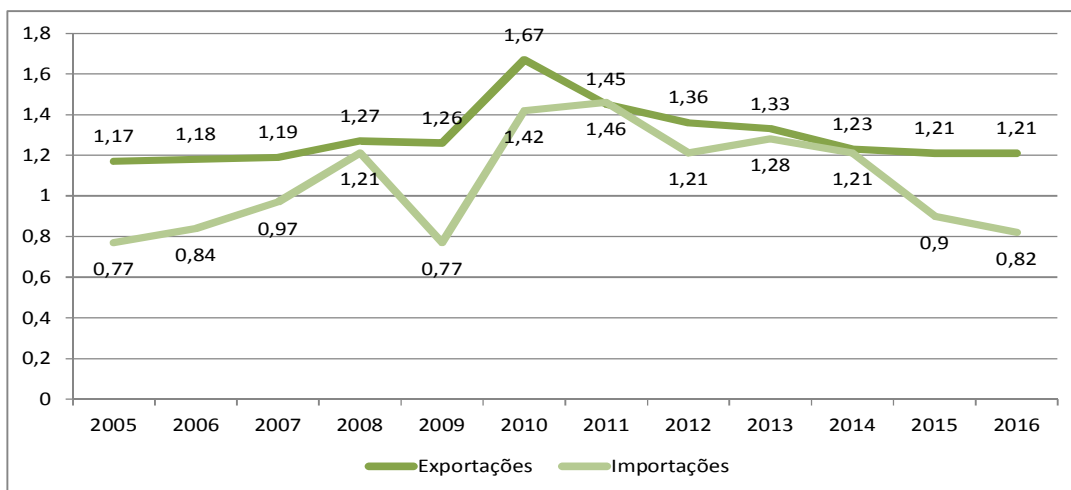
Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secex/Deaex

Nas importações não é diferente: 24ª posição no ranking do Banco Mundial, com 0,8% do total mundial, segundo a OMC. A dinâmica das aquisições feitas pelo Brasil no exterior não diverge muito daquela das exportações. Neste século, os desembarques partiram de uma média anual de US\$ 50 bilhões, estiveram razoavelmente estáveis até 2004, quando escalaram de patamar até atingir os US\$ 240 bilhões da máxima histórica, em 2013. Desde então, o recuo acumulado é de 37%, para os atuais US\$ 151 bilhões.

Entre os principais itens importados atualmente, estão, nesta ordem: demais produtos manufaturados (6% do total), medicamentos (4%), óleos combustíveis (3,7%) e partes e peças para veículos automóveis e tratores (3,6%). A maior modificação recaiu sobre as importações de petróleo: líder da pauta até 2008, quando correspondia a cerca de 11% do total adquirido pelo país no exterior, perdeu peso e hoje responde por somente 2% do total, o que é positivo. Completando a lista, circuitos integrados e naftas mantiveram nível relativamente homogêneo de relevância ao longo do período, em torno de 3% do total importado.

Entre os países de origem, o comportamento verificado nas importações praticamente repete o das exportações. A China é hoje o principal fornecedor do Brasil, com 18% do total, percentual que era de 2% no início do século e de 14% em 2010. A importância dos EUA, neste caso, decaiu menos: são atualmente a origem de 16,5% das importações brasileiras, patamar bastante similar aos 17,2% de 2005. Eram, contudo, 23% em 2000. Já a composição por principais classes e categorias praticamente não se alterou, com predominância de semimanufaturados (85% de tudo que o país importa).

Participação brasileira no comércio mundial (em %)

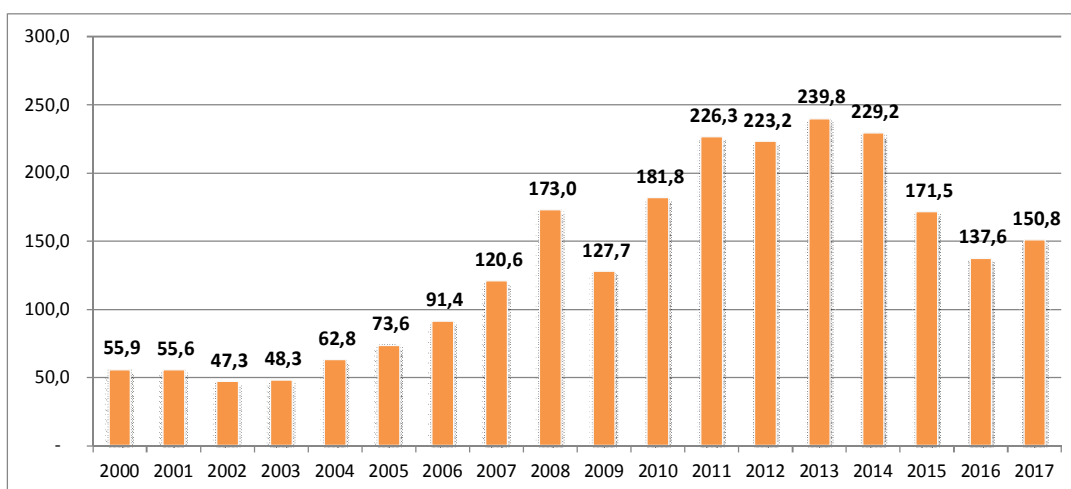


Fontes: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secex e Organização Mundial do Comércio

Perspectivas e desafios

O excepcional desempenho do comércio exterior brasileiro em 2017 não deve se repetir neste ano. Com a recuperação da economia, e o previsível aumento do consumo no mercado interno, estima-se que as exportações já não deverão crescer tanto, enquanto as importações devem subir para alimentar com insumos as linhas de produção das fábricas nacionais. Ainda assim, a balança deve registrar seu quarto superávit anual consecutivo: em torno de US\$ 54 bilhões, segundo a média das previsões predominantes no mercado financeiro colhidas pelo Banco Central no fim de janeiro.

Importações brasileiras (em US\$ bilhões)



Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secex/Deaex

A análise retrospectiva do comércio exterior brasileiro realça e reitera desafios que se mantiveram e se avolumaram com o passar dos anos: a nossa economia precisa abrir-se mais à competição internacional, com maior espaço tanto para a entrada de matérias-primas e insumos mais avançados e baratos quanto para a exportação de produtos brasileiros de qualidade para o resto do mundo. Claro que há enormes entraves a transpor. A carga tributária que distorce as condições de concorrência, o atraso tecnológico e a deficiente infraestrutura que retira competitividade até da nossa imbatível safra agrícola estão entre os principais.

No entanto, não será apenas com intervenções oficiais que o comércio exterior brasileiro ganhará mais relevância no mundo. Cabe aos empreendedores locais investir em inovação, capacitar melhor sua mão de obra, modernizar a gestão de suas empresas e suas linhas de produção. A tarefa dos governantes é aprofundar reformas estruturais que ajudem o mercado nacional a aproximar-se das condições vigentes no resto do mundo, sem os empecilhos e retrocessos que as malfadadas políticas de intervenção petistas produziram no período recente. O Brasil tem condições de ir muito mais além de suas fronteiras.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação mensal do Instituto Teotônio Vilela.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – www.itv.org.br

SGAS 607 Edifício Metrópolis – Sala 225 . CEP: 70.200-670 . Brasília (DF) . Tel.: (61) 3424-0556 / 3424-0557 / 3424-0558 . Fax: (61) 3424-0515 . facebook.com/instituto.teotoniovilela . @ITV_Oficial